# O PERCURSO DE VELHOS APRENDIZES: A EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DO ESPAÇO ESCOLAR

Rita de Cássia M. T. Stano[1]

## 1- INTRODUÇÃO

A recuperação do ser integrado é a tônica de um projeto educacional voltado para a terceira idade corroborando a importância do espaço escolar para a melhoria de qualidade de vida de seres humanos idosos.Um dos resultados do projeto ECONTI[2] está na construção, pelo grupo, de uma qualidade de vida, que resgata o ser idoso como ser construtor e habitante do mundo, conquistando espaços na cidade, perdendo o medo de lutar por seus direitos e desejos.

Torna-se premente situar o idoso em seu contexto e abordar a questão de velhos e velhas a partir do vivido e do experienciado. Neri (1993:31) corrobora tal constatação ao alertar para o

> *"(...) o risco permanente de que a atuação profissional junto a idosos (...) seja de caráter predominantemente ideológico, contribuindo de forma decisiva para o estabelecimento e a perpetuação de mitos, preconceitos e estereótipos quanto a velhice, importados e assimilados de modo menos crítico que o desejável."*

É pois, salutar, refletir sobre a situação do idoso em suas dimensões histórica e social, a partir de estudos de universos mais precisos e definidos, a fim de evitar a homogeneização do próprio processo de envelhecimento. Menos um fator biológico e mais um determinante de condições sociais construídas historicamente, a terceira idade necessita ser despida de sua roupagem universal e assumir seu caráter eminentemente histórico e cultural, de acordo com Herédia e Casara(2000).

Não é o idoso ou idosa universal, mas velhos e velhas situados numa dada realidade, que se propõem um projeto de vida, uma possibilidade depositada no espaço da universidade. É preciso que as instituições escolares superiores preparem-os

---

[1] Professora de Ciências Humanas na Universidade Federal de Itajubá, coordenadora do curso de Educação Continuada para a Terceira Idade, Presidente do Conselho Municipal do Idoso de Itajubá-MG.

[2] Educação Continuada para a Terceira Idade, curso de extensão da Universidade Federal de Itajubá

para o envelhecimento e, o seu reverso, preparar a universidade para uma nova relação intergeracional.

## 2- A CONQUISTA DO HABITAR E A CONSTRUÇÃO DE QUALIDADE DE VIDA

Importante repensar o que está sendo oferecido à terceira idade em termos educacionais, tendo em vista que não há um modelo único a ser seguido, devido à uma situação social e cultural que se diversifica pela heterogeneidade das condições de velhos e velhas no país. Desvelar o caminho, buscar o sentido do processo e a validade da ação educativa da universidade em relação à terceira idade exige mais do que a mera descrição, pois

> *"As aparências expõem e também protegem da exposição, e, exatamente porque se trata do que está por trás delas, a proteção pode ser sua mais importante função."* (Arendt,1993,p.21)

Torna-se salutar enfatizar que esta pesquisa parte do pressuposto de que a educação, como espaço social, é uma alternativa possível para a aquisição e melhoria da qualidade de vida, principalmente daquelas minorias inseridas num processo crescente de marginalização social. Buscar a correspondência desta certeza na realidade e, comprovar, cientificamente tal possibilidade e efetividade, será um objetivo a ser rigorosamente perseguido ao longo do trabalho de investigação.

> *"(...) é pelo habitar que se criam novas condições de vida, marcos humanos em cada cultura que permitem avançar sempre, rompendo limites dados ."* (Espósito,In Espósito e Bicudo 1997, p. 110)

Habitar não supõe apenas a ocupação do lugar, mas um modo específico de construção, criação e reordenação do vivido consigo e com o outro. Desta forma, o ser habitante, ao viver seu contexto determinado, espacializa o lugar, i.e., edifica o mundo, torna-se produtor de história(Bachelard, 1993). Nesta construção, neste habitar, o homem constrói significados para sua própria vida, busca novas condições de vida que lhe favoreçam a qualidade desejada, sonhada, ausente, porém, possível. O conceito de qualidade é produção histórica, pressupondo uma análise processual,

uma dinâmica, a recuperação do específico e o respeito às condições conjunturais. Enfim, é um conceito que reflete uma postura política.

Buarque (1994:157) ao historicizar o conceito de qualidade de vida, expõe que

> *"Durante séculos, a qualidade de vida estava em não ser ameaçado pelos deuses, nem ser surpreendido pelas intempéries, e ter força para resistir aos inimigos: naturais ou humanos. A vida era a rotina, a qualidade dela era não quebrar a rotina."*

No século XX, qualidade de vida passa a ser sinônimo de possibilidade de consumo, reconhecendo neste momento, o impacto do industrialização sobre o sentido errôneo do habitar como exercício de consumo. Segundo o mesmo autor, tal possibilidade de qualidade de vida vê-se inviável diante da realidade de violência, fome, desigualdade que caracteriza a contemporaneidade. A qualidade de vida vista como consumo irrestrito e amplo, depara-se com o apartheid social, em que apenas uma minoria desfruta desta possibilidade. Buarque destaca ainda que, diante desta discrepância há duas alternativas para o homem, a saber:a) abandonar os valores éticos da igualdade para continuar no rumo da utopia do consumo, apenas para poucos; ou b) redefinir o conceito de modernidade e de qualidade de vida.

Como se caracterizaria esta nova concepção de qualidade de vida, tendo como fundamento tais valores éticos? Qualidade constitui-se da maneira de ser de pessoas ou coisas; essência, natureza (Aulete,v.IV, 1958),. Para Koogan/ Houaiss (2000), qualidade é uma maneira de ser. Assim, ao tentar construir um conceito de qualidade de vida, busca-se determinar os atributos desejáveis a uma vida, feita da imbricação entre pessoas, instituições e sistemas sociais. Não se trata de definir sonhos e esperanças de um ser humano, mas de todos aqueles que vivem uma mesma história, seres que partilham o mesmo tempo em espaços construídos pela ação conjunta. A qualidade de vida percebe-se, é histórica, pois supõe sempre um conjunto de condições específicas socialmente necessárias à preservação do homem.

Fundamentando-se, pois, numa noção de modernidade ética, Buarque (1994:162) destaca que há uma ânsia por participação democrática, por liberdade individual e por respeito aos direitos das minorias. A democracia, porém, não é a única

condição possível para esta nova qualidade de vida. Torna-se salutar eliminar a desigualdade social, atendendo essencialmente a todos em termos de alimentação, saúde básica, educação básica, acesso ao transporte urbano, justiça igual e um endereço com limpeza, o que implica saneamento, água potável e coleta de lixo, para vidas que se constroem nos espaços da cidade(Véras, 2000). Um país como o Brasil, marcado por antagonismos de direitos e deveres, em que o sujeito se vê espoliado de seu direito a um mínimo de vida digna, torna-se premente repensar o sentido da desigualdade e a quem esta vem servindo. É preciso socializar os serviços e atentar para as necessidades primeiras da população, a fim de se poder lutar pelo equilíbrio ecológico, entendido como a possibilidade de tornar a vida humana mais condizente aos recursos fontes advindas da natureza, mantendo assim, a vida biológica dos seres. Este equacionamento homem - natureza - modernidade supõe a redistribuição das atividades econômica e cultural, possibilitando às regiões mais periféricas do Brasil, reais condições de participar da construção de nosso patrimônio econômico e cultural, através da reestruturação das formas de organização social de produção.

O ser que habita, que constrói e edifica sua própria morada, está, neste processo de construção, também construindo indicadores de qualidade de vida. Ou seja, no viver, vai determinando formas e maneiras necessárias e essenciais ao ato mesmo de habitar o mundo. Se antes a qualidade de vida estava em não ser ameaçado pelos deuses, hoje, no século XXI, a qualidade de vida está caminhando para o sonho de "extirpar o mal" da desigualdade, da injustiça, do consumo desenfreado e da busca de lucros sem limites. É um reflexo dos agravantes que tornaram necessário o sonho da liberdade, da participação, da igualdade, da alteridade neste país. E aqueles, que representam as minorias neste panorama, precisam lutar para, através do exercício da cidadania, conquistar esta nova qualidade de vida. A população idosa, que vivencia um processo já longo de marginalização social, econômica, política e cultural necessita conquistar, tornar-se ser-no-mundo, construindo seu espaço, com qualidades que lhe são concernentes.

A conquista à qualidade de vida supõe a conquista do próprio existir, no sentido de estar-no-mundo, de forma compromissada com a vida mesma. Ou seja, ser capaz de agir e refletir sobre sua ação. é, pois a primeira condição para que o ser

assuma um ato comprometido (Freire, 1979), a consciência de estar-no-mundo como sujeito fazedor de sua história, de suas lutas, de suas conquistas e redimensionando a própria temporalidade para além dos cronômetros e idades convencionalizadas pelo capitalismo(Elias, 1998). Pode-se, portanto, sublinhar que qualidade de vida se conquista pelo compromisso assumido, pelo ser humano com seus pares, iguais e oprimidos, pela transformação do mundo que habita.

> *"Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de distanciar-se dele para ficar com ele: capaz de admirá-lo para, objetivando-se, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação: um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se." (*Freire, 1979,p.17*)*

Este processo de comprometimento supõe, utilizando as idéias de Arouca (in 8ª Conferência Nacional de Saúde, 1992), saúde, entendida como bem-estar físico, mental e social. Nesta abordagem, saúde significa a ausência do medo. Comprometer-se reporta-nos à necessidade de extrair o medo de um mundo novo, mais justo, menos desigual. Significa participar de sua transformação, pois, conviver sem medo é *"(...) é conviver com a possibilidade de autodeterminação individual, de liberdade de organização, (...), com a possibilidade de viver, pelo amanhã, sem a ameaça da violência final."* (Arouca, 1992)

Qualidade de vida supõe ausência do medo de participar, de dirigir a própria vida, de engajar-se nas lutas cotidianas, de comprometer-se.

E, ao comprometer-se, inicia-se a conquista pelo seu próprio habitar, de maneira solidária, coletiva. Para, pois, se instaurar qualidade à vida de velhos e velhas neste contexto histórico específico, faz-se mister ressaltar que tal ocorrerá à medida que estes e estas se tornarem solidários e ocupantes do mesmo desejo. Para habitar é preciso compromisso consigo e com o outro, num processo permanente de redefinição de identidade segundo Stano(2001). Um processo, porque histórico e inacabado, como o próprio ser humano. E, porque contextualizado, supõe peculiaridades e necessidade constante de redefinições (ação - reflexão), orientando as lutas por um existir melhor. O ser cidadão, velho ou novo, será historicamente condicionado pela qualidade de vida que se quer, que se luta, que se partilha com o outro ser. Assim, cidadania (sem

medo) será um indicador da forma de habitar o mundo e um predicado de qualidade de vida.

De maneira similar, o ser "holos", o ser integrado, inteiro é a condição mesma da qualidade de vida que se pretende, na construção com o outro, com seu igual e diferente no habitar dos espaços. É pois, na condição de humano e de ser complexo(Morin, 2002), que se faz e se constitui a busca pela recuperação de seres viventes que partilham seus tempos e seus espaços, não em facetadas roupagens. Mas, numa roupagem que desnude os abusos, que desvele as artimanhas de um sistema desigual e injusto, esfacelador de desejos e de "inteirezas". Pois, ser complexo é o ser que denota a qualidade de uma vida não fragmentada, envolta na totalidade recuperada do ser como humano. E, recuperar a qualidade de vida como sinônimo de construção do ser integrado, supõe estabelecer no discurso, na atividade produtiva, na vida social, nas relações com o Estado e com próprio corpo a marca de uma unidade. Ou seja, ao se considerar a qualidade de vida de velhos e velhas, de seres humanos inteiros, deve-se relevar que seres humanos, quando, destituídos do medo do descompromisso e ousam desejos de "habitar", de construção da própria história, apresentam-se "como seres "totais", porém, jamais acabados. O sentido exposto aqui de totalidade supõe movimento, transformação do ser no "estar-no-mundo" de forma singular e integrada a todos os seus parceiros de vida. Qualidade de uma vida está embricada na possibilidade da constante renovação de significados e, com certeza, em decorrência, na permanente busca de "des-construção" de fragmentos.

> *"O homem, por sua vez, é essencialmente transformador, ainda que nem sempre esteja usando tal possibilidade." (*Martins, 1983, p. 78).

Recuperar a unidade da roupagem de velhos e velhas estará sendo uma maneira de elaboração de projeto de uma vida com qualidade, desejada e transformadora do próprio desejo do ser-no-mundo. Roupagem esta que assegure a construção do humano, do produtivo e do social na plena existência de cidadãos, por isso, inteiros.

## 3 – EMANCIPAÇÃO PELA PARTICIPAÇÃO

> *"(...) participação é conquista para significar que é um processo (...) infindável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo. (...) é em essência autopromoção e existe enquanto conquista processual"*. (Demo, 1988, p. 18)

Fazendo a leitura do processo de concepção e efetivação do projeto ECONTI, pode-se constatar um caminho paralelo àquele considerado participativo. Segundo Demo(1988), a participação não existe como dádiva ou como espaço preexistente, pois esta é sempre conquista. Porém, um projeto que visa justamente oportunizar a participação e a conquista do idoso numa luta pela cidadania, não tem a proposta da participação como ponto de partida. É um objetivo que foi traçado e que dependerá dos próprios alunos. Ou seja, não cabe, o estigma de assistencialismo a uma escola que abre seus espaços para a ocorrência dessa participação. Se a organização dos grupos sociais torna-se imprescindível para a formação de uma sociedade civil cônscia de seus direitos e de suas maneiras de reivindicação (Demo, 1988), às escolas superiores cabe o papel de assumir determinados compromissos em prol das minorias marginalizadas pelo processo cultural, econômico e político do país. Apesar da centralização inicial do projeto, determinando modos e formas de atender à população idosa da cidade e região, tal iniciativa foi a oportunidade que faltava aos aposentados. Por estarem fora de instituições de produção e fora de sindicatos, os aposentados não tinham um espaço físico para encontrarem-se a fim de partilhar experiências, sentimentos e expressões. Neste sentido, um projeto educacional pode ser o espaço necessário para o início de uma organização política daqueles que se vêem afastados da sociedade civil, da participação social, silenciados pelo fenômeno das massas(Baudrillard, 2004).

ECONTI significa para velhos e velhas a chance, não a única (na cidade de Itajubá, sim) de possibilitar o encontro entre seus pares, pois, *"a vida em comum é uma propriedade do ser-no-mundo uma vez que o mundo é sempre um mundo de participação-em e participação-com."* (Martins e Bicudo, 1983, p.41).

E, a concepção de um trabalho deste, supõe o estado de solicitude, onde o existir é estar em interdependência com os outros. A Educação não pode se colocar

à margem do processo da existência. O ser, com possibilidade de transcender-se não é acabado, não se resume na infância ou na adolescência, mas é um constante devir. E, como devir, o ser humano está sempre em busca de novas possibilidades e auto-descobertas. As instituições sociais existem apenas para atender às necessidades humanas. Não têm os idosos/as necessidades como de se conhecerem sempre, de buscar novas leituras de mundo e refazer seu projeto de vida?

Trabalhar em Educação, investir em Educação significa, neste contexto novo que se nos apresenta, formar cidadãos, contribuir para o bem-estar da população, criar espaços de discussão de alternativas sociais, buscar soluções em pesquisas e produção de conhecimentos imprescindíveis à realidade brasileira. Se o Estado comporta sociedade civil e sociedade política, não pode abster-se dos frutos inegáveis dos investimentos em Educação (Demo, 1988). Não se trata de fazer aqui um apanágio aos milagres recorrentes do processo educativo, mas sim de ressaltar suas possibilidades de ação numa sociedade democrática. Não se forma cidadania sem consciência de classe, sem uma visão desideologizada do mundo (Freire, 1991). Não se organiza a sociedade civil sem a democratização do conhecimento (do eu e do não-eu) e sem um espaço possível de pesquisa do novo. Por isso, o Estado precisa da Educação para ter o suporte necessário à sua própria descentralização. Dar voz e vez ao homem comum, ao oprimido, ao explorado é também tarefa da Educação, assim como de todas as entidades e instituições sociais. Porém, à Educação cabe um papel específico, que vai desde a formação geral de homens e mulheres, à reintegração de desempregados, subempregados e excluídos do sistema econômico. Como instituição transmissora de conhecimentos e desveladora do real à Educação cabe também o papel de propiciar aos idosos e idosas a oportunidade e o espaço para o desvelamento de suas condições. À Educação cabe também oferecer um espaço alternativo de atividades culturais comprometidas com a melhoria de qualidade de vida, orientando questões referentes à saúde, promovendo atividades intergeracionais, etc., no sentido de reinserir a terceira idade no espaço da cidade, como cidadãos. Assim, a Educação tem, no Estado de bem-estar, papel central na organização da sociedade civil para busca mais lúcida de alternativas que propiciem a autonomia, o novo, o recuperável. À terceira idade cabe o procurar sua identificação, seu fortalecimento com o outro igual

e com o outro diferente também (Stano, 2005). Organizando-se, exercendo seus direitos de luta e de vida digna, serão, velhos e velhas, cidadãos articuladores, eles e outros, da sociedade civil. Auxiliarão na descentralização e no reordenamento do exercício de cidadania efetiva. O projeto, desta forma, não advêm de uma atitude assistencialista, pois a ação e a descoberta da possibilidade de luta virá com a construção de um caminho coletivo de se colocar e de estar-no-mundo, como homem, não como um ser reduzido à cadeira de balanço em frente a um aparelho de televisão.

*"Conhecer a si, supõe o conhecimento do outro"* (Martins e Bicudo,1983). Mediar a relação pedagógica significa o reconhecimento das diferenças culturais e compreender a produção da superação destas diferenças. Refletir e transformar a própria experiência, ou as várias vivências, é tarefa política da escola (Saviani, 1989). Estará, desta forma, reelaborando e produzindo o conhecimento. Ler, discutir, partilhar a realidade é o que poderá eliminar as formas dicotômicas da convivência geracional.

É tarefa política da escola o comprometimento com a desocultação ideológica, ou seja, usar a linguagem, o ensinar e o aprender, o conhecimento, etc. para pontuar e desvelar o real, o cotidiano de todos os envolvidos no processo escolar, social e de vida. Desnudar o mundo, refazer a sua leitura, supõe a desideologização dele. Não é mais importar a transformação (com reformas, projetos, etc.) e sim inventá-la, criá-la, subjetiva e objetivamente. Isso é educação política: promover a ruptura (um basta para a exclusão e expulsão) e elevar o novo, o possível, o necessário. Assim, os conteúdos precisam ser desmistificados e trabalhados enquanto resultado da cultura, i.e., enquanto expressões da vida e do mundo, num encontro de seres sociais de contextos históricos específicos (Freire, 1993, apontamentos de aula).

A escola é muito mais do que instrumentalização para o trabalho e/ou para o novo, a mudança. Ela tem uma função de atendimento ao homem enquanto ser histórico e social, formando-o para o exercício da cidadania. Porém, tem também um papel na formação de seres enquanto pessoas, com ansiedades, esperanças, frustrações e lutas. O currículo, para ser significativo tem que, necessariamente, perpassar estas dimensões humanas: social, histórica e pessoal, psicológica (Apple,2006).

No processo de constituição do projeto ECONTI, percebe-se que, apesar da tentativa de planejamentos à priori do currículo, este se fará muito mais através da "subversão" de alunos e professores, frente à possibilidades e transformações que vão, paulatinamente, modificando o cotidiano da sala de aula. Neste sentido, poderá se verificar o real "transfazer" do grupo, em que alunos e professores recriam a trajetória inicial e estabelecem novos pontos de ancoragem. Ou seja, novas possibilidades. Esta recriação denotará a construção de elementos básicos à qualidade de vida da terceira idade.

Desta forma, o espaço escolar, aliando-se à construção de uma qualidade de vida, permite se transformar numa espaço, sempre renovado, de emancipação, de alunos e professores. É a transgressão necessária à inovação da institucionalização da Educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


APPLE, Michael. Ideologia de currículo.3ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2006.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense, 1993.

AROUCA, Antonio Sérgio da Silva. Democracia é saúde. Relatório da 8ª Conferência Nacional de Saúde. São Paulo, 1992, 35-42.

AULETTE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Volume I. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço.São Paulo,Martins Fontes, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. Á sombra das maiorias silenciosas, o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo, Brasiliense, 2004.

BUARQUE, Cristovam. A aventura da universidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

DEMO, Pedro. Participação é conquista. São Paulo, Cortez, 1988.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo.Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

ESPÓSITO, Vitória H.C. e BICUDO, Maria Aparecida V.(orgs). Joel Martins...um seminário avançado em fenomonologia. São Paulo, Educ, 1997.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____. Política e educação. São Paulo, Cortez, 1991.

HERÉDIA, Vânia B. M. e CASARA, Miriam B. Tempos vividos:identidade, memória e cultura do idoso. Caxias do Sul, Educs, 2000.

KOOGAN, A. e HOUAISS, A. Enciclopédia e dicionário ilustrado. 4ª ed. Rio de Janeiro, Seifer, 2000.

MARTINS, Joel. Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis. São Paulo: Cortez, 1992.

MORIN, Edgar. O método: a humanidade da humanidade, a identidade humana.Porto Alegre, Sulina, 2002.

NERI, Anita Liberalesso (org). Qualidade de vida e idade madura. SP, Campinas: Papirus, 1993.

STANO, Rita de C. M.T. Identidade do professor no envelhecimento. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. Ser professor no tempo do envelhecimento:professoralidade em cena. São Paulo, Educ, 2005)

SAVIANI, Demerval. Educação: do senso-comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez, 1989.

VÉRAS, Maura P. B.Trocando olhares: uma introdução á construção sociológica da cidade. São Paulo, Educ, Studio Nobel, 2000.